

## Sobre a festa popular: duas evocações

Jerusa Pires Ferreira<sup>1</sup>

Não há tema de mais circulação, de trânsito entre diversos domínios da arte, do pensamento ou da existência.

Creio que toda festa tem uma dimensão do sagrado. É a negação do destino obscuro, da cotidianidade chã, é como se abrissemos uma brecha de eternidade (mesmo implicando em bastidores e cotidianos) que nos toca.

A festa é a força da promessa, o reino da utopia conferida e o espaço onde tudo o que existe na vida social pode trocar de sentido ou se prolongar. Mas é também o lugar em que a reversão volta a se organizar e parece que, logo, tudo vai sendo como antes.

---

<sup>1</sup> Professora Livre-Docente do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicação e Artes (ECA/USP) e do Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC/SP: Rua Ministro de Godoy, 696; 4º. Andar – Bloco B, Sala 4ª 08, Perdizes São Paulo; CEP 05015-901. Aí criou e dirige o Centro de Estudos da Oralidade e também orienta inúmeras teses e pesquisas. Autora de inúmeros trabalhos publicados em revistas, em coletâneas no Brasil e no exterior e dos seguintes livros, entre outros: *Armadilhas da Memória*. 2ª edição. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004; 1ª edição foi publicada em 1991 pela Casa de Jorge Amado, Salvador/BA; *Fausto no Horizonte*. São Paulo: Hucitec/EDUC, 1996; *Cavalaria em Cordel*. 2ª edição. São Paulo: Hucitec, 1993, 170p.; *O Livro de São Cipriano: uma legenda de massas*. São Paulo: Perspectiva, 1992, 162p (Prêmio Jabuti de Ensaio). Tradutora da obra de Paul Zumthor e de Henri Meschonnic para o português. Dirige com Plínio Martins Filho a coleção *Editando o Editor* na ECA/USP. E-mail: jpfer@uol.com.br.

Já se falou bastante em Festa como reversão de status e até subversão e desordem. O livro de Bakhtin *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento* torna-se modelo disso e faz surgir muitas reflexões sobre a festa e o Carnaval. Mas viu-se aí como se organiza uma sequência de procedimentos e de concepção de mundo.

Os estudos de história, comunicação, ciências da religião e da antropologia, do teatro, do corpo e da *performance* vão se atraindo uns aos outros como limalhas, e em torno da festa, para poder explicar a tristeza e a alegria que se implantam em toda festa, sob signos exacerbados. As hierarquias que se mantêm ou reverterem, a fugacidade do tempo que se detém, se expande ou explode, em brilho, cor, fantasia, ilusão.

O próprio espaço se amplia e traveste, os suportes se multiplicam e assim por diante... Se a festa é uma dobra, ela vai comportar muitas replicações.

A festa de rua envolve os que estão lá, a festa popular nos fala de todos e de nós. Aproxima os mais diversos Brasis e assim nos leva a constatar a espantosa unidade deste país.

De repente, a Festa de Santana de minha meninice, em Feira de Santana, na Bahia, repercute e reaparece muitos anos depois, no Pará. Chego a tomar susto, no túnel de outro tempo/espço, quando desembarco numa pequena cidade ribeirinha paraense, Breves. E aí a Festa de Santana tinha, como antes, o passeio e a quermesse, os jovens em desfile, mas a presença de novos componentes, como o Calípsio e o *tecno-brega*. No entanto, continuava a ser a própria celebração religiosa, o mesmo acontecimento do social.

E ela nos põe também a pensar como enfim podemos imaginar um mundo que pode ser fugaz, mas profundamente nosso, naqueles instantes, horas, encontros.

Nos domínios públicos e domésticos, nos profanizados ou sacralizados, é tudo pulsão de vida e morte, num jogo fascinante e alternado.

Os ritos podem se transformar em espetáculo. As dimensões se alteram, e um corpo misto de referências acha lugar. As mídias se implantam e conduzem tudo até que, em certo momento, algum bastidor da festa se resguarde. E crie uma possibilidade da transmissão sagrada ou se apoie naquele do intransmissível e do silêncio.

Da festa saberemos de tudo o que antecede, da organização, dos patrocínios, do sacrifício e tantas vezes do negócio.

Nela encontraremos o amor, a força do corpo e dos gestos, a construção das visões feéricas e o jogo permanente que nos leva a ter na esperança (de comida, de vida, de fartura, de alegria, de contemplação, de criação) o apoio para nossas fabulações e alegorias. E, muitas vezes, para não sermos apenas românticos, passam a incidir comércios e a massificação *eletronizada*, bem como práticas de sobrevivência.

Mas a Festa somos nós mesmos. Em ritmo de santo, de samba, de procissão, de reggae, de rock, de folguedo.

Ou mesmo nos clubes urbanos onde pessoas de idade fazem vestimentas adequadas e vão dançar, em festas promovidas ou regulares, em temporalidades *disturbadas*, prolongando, no entanto, seus momentos vitais.

É a espera aflita pela chegada daquele dia, dos minutos, da hora em que partilhamos a eternidade, e depois o desgosto da fugacidade que nos aflige. Como dizia o ‘poetinha’, o nosso santo Vinícius, “dia de festa é véspera de muita dor”.

E há ainda o comentário, aquilo que se diz no dia seguinte, a retomada do eterno ciclo de dizer-se aquilo que foi e de esperar pelo que virá.

A festa que pode conter a morte, a detém e, sempre que pode, nos anuncia o quanto somos intensos em nossa transitoriedade, justificados em nossa eterna espera.

Por mais que se coloque a tradição popular nos espaços da mídia, que se uniformizem gestos e procedimentos, parece que existe uma semente da festa podendo brotar, a cada momento. Ainda mais, quando se trata de toda uma ‘nação’ em movimento, organização, história.

Na companhia de amigos estive no bairro da Liberdade para ver a saída do *Ilê Ayê*. Ficamos dentro dos portões, protegidos e, no largo, aquela incrível multidão inquieta e à espera. No momento em que a mãe de santo abençoa e solta as pombas brancas, explodem a energia do mundo e a própria festa. Não há palavras que expressem o momento em que os tambores começam a tocar, e os movimentos presos naqueles corpos se liberam.

A festa é o território para incursões numa antropologia do corpo e do gesto, o eixo de cruzamento dos sagrados com as práticas múltiplas que os atualizam. Um diálogo ou mesmo a sobreposição de culturas. Foi sob esta perspectiva que orientei muitas pesquisas e teses que vão

coabrindo territórios diversos da celebração popular. Do divino a São Gonçalo de Amarante.

Os ciclos da tradição entre nós remetem ao composto proveniente da tradição ibérica, fundindo-se muitas vezes com legados de outras culturas (os natalinos, os do Carnaval e da Quaresma, os juninos com seus santos) (Pires 2007) que prosseguem em novas composições. Ou a componentes que trazem os povos do santo ou de nossos grandes ancestrais indígenas. Vem muito mais nisso tudo... Mas os corpos, em certa instância, são brasileiros e nos confirmam suas origens diversas mescladas e reconfiguradas, e a força de suas crenças muitas vezes tão entrelaçadas!

Seria interessante observar a riqueza das festas e procissões que compõem no notável repertório (tão punitivo, mas tão intenso) de Nuno Marques Pereira (Pires 2001). Porém, a Festa colonial é um complexo capítulo que tem encontrado recentemente importantes e competentes estudiosos para desvendá-la.

## **Bibliografia**

PIRES, Jerusa Ferreira. 2001. Notas preliminares para uma leitura do 'Compêndio Narrativo do Peregrino da América', de Nuno Marques Pereira. *Revista USP*, 50(1):18-33.

\_\_\_\_\_. 2007. Fernando Pessoa e os santos populares. *Revista Entretanto*, 1(1):40-3.